



UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA

*Fora de Jogo? As Mulheres no Jornalismo Desportivo em Portugal*

*[Offside? Women in Sports Journalism in Portugal]*

*Projeto de Graduação*

1º Ciclo de Ciências da Comunicação

Universidade Fernando Pessoa

Beatriz Pedro Assunção Silva- 2022117250

Orientador:

Professor Dr. Renato Pinto Ferreira

Junho 2025



***Fora de Jogo? As Mulheres no Jornalismo Desportivo em Portugal***

*[Offside? Women in Sports Journalism in Portugal]*

*Projeto de Graduação*

1º Ciclo de Ciências da Comunicação

Universidade Fernando Pessoa

Beatriz Pedro Assunção Silva- 2022117250

Orientador:

Professor Dr. Renato Pinto Ferreira

Junho 2025

## **Agradecimentos**

Quero agradecer a todas as mulheres jornalistas, desportivas e não desportivas, que me inspiraram a escrever este projeto. Pelas que abriram o caminho, pelas que resistem todos os dias, e pelas que, com o seu exemplo, mostram que o lugar da mulher é onde ela quiser estar .

Ao Porto Canal, o meu agradecimento por ser mais do que uma redação. Por ser um exemplo, pela forma como valoriza o talento feminino, e mostrar que é possível fazer a diferença. Que este espírito inspire outros canais a seguir o mesmo caminho.

Um reconhecimento especial, à Francisca e a Carolina, jornalistas do Porto Canal, que contribuíram diretamente para esta análise.

Ao Professor Doutor Renato Pinto Ferreira, por ter aceite o papel de meu Orientador, por duas vezes. Obrigada por nunca ter duvidado de mim. Por estar sempre presente, com uma confiança tranquila, que me deu espaço para crescer sem pressões, e acreditar que eu ia conseguir.

À Universidade Fernando Pessoa, agradeço por todo o conhecimento transmitido, pelas oportunidades de crescimento e por ter sido o espaço onde comecei a construir o meu futuro profissional.

À minha família, o meu lar em todas as formas possíveis. Pelo amor incondicional, pelo apoio constante, e por me fazerem acreditar, desde sempre, que posso ser tudo o que quiser, com o maior orgulho no meu percurso.

Ao Francisco, por todas as vezes em que me deu na cabeça, e por nunca, nem por um segundo, deixar de acreditar em mim. O teu amor empurra-me para a frente, mesmo nos dias em que me esqueço de andar. És casa longe de casa.

Às minhas colegas e amigas de curso, obrigada pela companhia, pela entreatajuda e por todas as vezes em que partilhamos cansaços e conquistas. Em especial à Ana Rita, à Bia, à Maria e à Leonor, que tornam tudo mais bonito e leve. Vou levar-vos para a vida.

Aos meus amigos, obrigada por estarem sempre por perto, por acreditarem em mim e por celebrarem comigo. À Larinha, um agradecimento especial, por estar sempre presente, com um apoio que nunca falhou.

A todos os que estiveram ao meu lado nestes três anos: obrigada de coração.  
Este projeto também é vosso.

## **Resumo**

Este projeto de graduação analisa a presença das mulheres no jornalismo desportivo em Portugal. A partir da questão-problema: o jornalismo desportivo continua a ser um campo masculinizado ou já existe verdadeira abertura à participação das mulheres? Procura-se perceber ao longo deste trabalho se há uma mudança real no setor ou se a desigualdade de género ainda persiste. Ao longo do projeto, são exploradas as origens e evolução do jornalismo desportivo, as questões de género nos media e a forma como as mulheres são representadas e recebidas neste meio. É realizado um inquérito para avaliar a perceção do público sobre esta realidade e incluindo um estudo de caso sobre o Porto Canal, com base em testemunhos, e na experiência de estágio, destacando-o como um exemplo positivo de inclusão e igualdade. Os dados recolhidos revelam que apesar de progressos visíveis continuam a existir desigualdades, sobretudo na atribuição de funções mais técnicas ou de análise. A presença feminina é cada vez mais reconhecida, mas ainda não plenamente normalizada ou equitativa em todos os contextos. Conclui-se que o jornalismo desportivo em Portugal encontra-se em processo de transformação, mas ainda não alcançou uma igualdade efetiva. Este trabalho pretende contribuir para a reflexão e a valorização do papel das mulheres neste setor.

**Palavras-chave:** Jornalismo desportivo, Igualdade de género, Estereótipos, Igualdade, Mulheres

## **Abstract**

This graduation project analyzes the presence of women in sports journalism in Portugal. Based on the research question does sports journalism remain a male-dominated field, or is there now genuine openness to female participation? The aim is to understand whether there is real change in the sector or if gender inequality still persists. The project explores the origins and evolution of sports journalism, gender issues in the media, and how women are represented and received in this field. A public survey was conducted to assess perception on the topic, and a case study on Porto Canal was included, based on professional testimonies and internship experience, highlighting it as a positive example of inclusion and equality. The findings reveal that, although visible progress has been made, inequalities remain, particularly in the assignment of technical or analytical roles. Female presence is increasingly recognized, but it is still not fully normalized or equally distributed across all contexts. It is concluded that sports journalism in Portugal is undergoing a process of transformation, but has not yet achieved full gender equality. This project aims to contribute to reflection and to the appreciation of the role of women in this field.

**Keywords:** Sports journalism, Gender equality, Stereotypes, Equality, Women

# Índice Geral

<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo 1 – Jornalismo Desportivo em Portugal: Contexto e Evolução</b>	3
1.1 A consolidação da Televisão como meio jornalístico	3
1.2. Jornalismo Desportivo: Conceito e Evolução	4
1.3 A especificidade Portuguesa do Jornalismo Desportivo	7
<b>Capítulo 2 – Género, Comunicação e Representação nos Media</b>	10
2.1 - Representações de Género nos Meios de Comunicação	10
2.2. Teorias feministas aplicadas à comunicação	11
2.3 Desigualdade Estrutural nas Redações e na Produção de Conteúdos	12
2.4 Barreiras Invisíveis: Glass Ceiling, Estereótipos de Género e Sexismo no Jornalismo Desportivo	13
<b>Capítulo 3: Mulheres no Jornalismo Desportivo: Desafios e Avanços</b>	15
3.1 Trajetória histórica das mulheres nos media desportivos	15
3.2 Perfil das profissionais atualmente ativas	18
3.3 Barreiras encontradas: credibilidade, aparência, funções limitadas	19
3.4 O Papel dos clubes, canais e redações nas práticas de inclusão	22
3.5 Perspetiva Pública sobre as Desigualdades	25
3.5.1 Visibilidade das mulheres no jornalismo desportivo	25
3.5.2 Perceção de desigualdade e credibilidade.	25
3.5.3 O jornalismo desportivo como espaço ainda masculinizado	26
3.5.4 Mudanças consideradas importantes para a igualdade de género	27
3.6 Porto Canal: Um Caso de Sucesso	28



## **Introdução**

O jornalismo desportivo tem sido ao longo da sua história um espaço amplamente marcado pela presença masculina. Dos primeiros relatos nos jornais às atuais transmissões em direto, foram sobretudo homens que assumiram os papéis principais. No entanto, nas últimas décadas, temos assistido a um crescimento da presença feminina neste setor ainda que, muitas vezes com desafios invisíveis e barreiras persistentes. A escolha deste tema surge da experiência pessoal vivida no estágio curricular no Porto Canal, onde a forte presença de mulheres nas redações desportivas despertou a vontade de compreender se esta realidade reflete uma mudança estrutural ou se continua a ser uma exceção.

A presente investigação propõe-se a responder à seguinte pergunta de partida: *O jornalismo desportivo em Portugal continua a ser um campo masculinizado ou já existe uma verdadeira abertura à participação das mulheres?*

Esta questão surge da perceção de que apesar dos avanços ainda existem sinais de desigualdade quer ao nível da visibilidade, quer na credibilidade atribuída às mulheres que atuam nesta área.

O desenvolvimento parte de um cruzamento entre investigação teórica, análise de perceções recolhidas por questionário, testemunhos e observações recolhidas durante o estágio.

O trabalho organiza-se em três capítulos; o primeiro apresenta a contextualização e evolução do jornalismo desportivo no país; o segundo aborda a desigualdade de género nos media; o terceiro foca-se na presença das mulheres no jornalismo desportivo, explorando casos de sucesso e barreiras em conjunto com o caso de sucesso que é o Porto Canal.

Este projeto de graduação pretende, assim contribuir para uma leitura mais consciente e crítica da representação de género no jornalismo desportivo, sublinhando a importância de práticas inclusivas e da valorização do mérito profissional, independentemente do género.

## **Capítulo 1 – Jornalismo Desportivo em Portugal: Contexto e Evolução**

### **1.1 A consolidação da Televisão como meio jornalístico**

A televisão consolidou-se ao longo das últimas décadas, como um dos meios de comunicação de massas mais influentes, moldou não só o acesso à informação como também os hábitos culturais e sociais da população. Segundo Traquina (2002), é só no século XIX que o jornalismo começa a adquirir as características do “jornalismo que conhecemos hoje nas sociedades democráticas” (p. 20). O jornalismo televisivo, enquanto prática profissional que utiliza imagem e o som para relatar factos de interesse público, apresenta características muito próprias, distintas das restantes plataformas.

Ao contrário do que acontece na imprensa escrita ou rádio, a televisão oferece uma experiência comunicativa simultaneamente visual e auditiva. Esta dupla dimensão exige que o jornalismo selecione e edite a informação de forma objetiva, clara e apelativa, respeitando os limites temporais do meio e as exigências do público. O ritmo acelerado das notícias, a necessidade de captar a atenção do espectador e a pressão do direto transformaram o papel do jornalista num trabalho altamente técnico, onde o domínio da linguagem audiovisual é essencial. De acordo com Ana Catarina da Costa Soares (2011), mesmo na webtelevisão, um formato mais recente mantêm-se exigências próximas das da televisão tradicional, como a clareza visual e sonora, essenciais para captar e manter a atenção do espectador.

Para além da seleção e edição da informação, o jornalismo televisivo exige uma atenção particular à componente estética e à construção visual da narrativa. A imagem não é apenas complemento do discurso, é um elemento central na transmissão da mensagem.

Por isso, o jornalista televisivo deve ser capaz de articular som, imagem e texto de forma coerente e eficaz, garantindo que o conteúdo seja compreendido e tenha impacto no público. Os grafismos, a escolha dos planos, a montagem e até a banda sonora contribuem para a criação de um produto informático que é simultaneamente factual e sensorial.

Outro aspecto relevante é a presença física do jornalista em frente às câmaras. A televisão transformou o jornalista numa figura visível, associada a uma imagem pública,

o que implica preocupações adicionais com apresentação, dicção e expressão facial e linguagem corporal. Para além do conteúdo transmitido, também a forma como o jornalista comunica influencia a percepção do público sobre a credibilidade da informação. O trabalho em direto, por sua vez, representa uma exigência técnica e emocional particular, onde a capacidade de improvisação, rapidez de pensamento e controle da linguagem são fundamentais para garantir profissionalismo e rigor mesmo em situações imprevisíveis. Este processo de mediatização do jornalista e valorização da performance pessoal é intensificado pela cultura da visibilidade mediática (McQuail, 2010), em que a forma é tantas vezes interpretada como reflexo da credibilidade.

## **1.2. Jornalismo Desportivo: Conceito e Evolução**

O jornalismo desportivo é uma área especializada dedicada à cobertura de acontecimentos ligados ao mundo do desporto. Tem como objetivo informar, analisar, relatar e contextualizar os factos desportivos de forma acessível. Segundo McQuail (2010), os media audiovisuais desempenham um papel central na formação de opiniões públicas e na criação de referências culturais comuns, reforçando a sua importância enquanto agentes sociais.

Os públicos do jornalismo desportivo são vastos e diversificados, englobando desde o adepto comum ao profissional da área, e os seus formatos variam entre notícias breves, reportagens, crónicas, entrevistas, transmissões em direto, podcasts e debates em estúdio. Como destaca Borelli (2002), “o jornalismo desportivo colaborou para um melhor entendimento humano e ajuda ainda a compreender o desporto na sua totalidade”, sublinhando o valor da linguagem jornalística ao dar sentido simbólico e social à prática desportiva.

Uma das particularidades mais marcantes do jornalismo desportivo é a constante tensão entre informar e entreter. Esta vertente jornalística opera frequentemente num espaço onde a factualidade coexiste com a emoção. Os jornalistas desportivos relatam factos concretos, resultados, lesões, transferências, estatísticas, mas também constroem narrativas que envolvem paixão, identidade e rivalidade. O desporto enquanto fenómeno cultural de massas, está carregado de simbolismo, e o jornalismo que o acompanha não escapa a essa carga emocional. Essa dualidade exige do jornalista a capacidade de

equilibrar rigor e imparcialidade com uma linguagem apelativa, próxima do discurso do adepto. O desporto tornou-se "um fenómeno global e televisivo", sendo amplamente debatido na imprensa desportiva atual e ocupando um lugar de relevo nas grelhas televisivas em Portugal, como se sublinha no estudo sobre o jornalismo desportivo, de Pedro Miguel Silva Ferreira (2017).

A televisão revelou-se desde cedo um palco privilegiado para o jornalismo desportivo. A transmissão em direto dos jogos, os comentários em tempo real, os resumos, debates e programas temáticos fizeram com que o desporto ocupasse um lugar central na grelha televisiva. Os conteúdos desportivos reúnem grandes audiências e geram envolvimento constante, tornando-se num dos produtos mediáticos com maior valorização da imagem no jornalismo desportivo, sobretudo no que diz respeito aos rostos que surgem em antena.

A origem do jornalismo desportivo remonta aos finais do século XIX, com os primeiros relatos de jogos publicados em jornais generalistas. Com o tempo o espaço dedicado ao desporto aumentou e começaram a surgir crónicas especializadas assinadas por jornalistas ou cronistas que acompanhavam clubes, modalidades e competições de forma regular. O desporto passou a ser encarado como um tema de interesse social, com capacidade de gerar fidelização do público.

A evolução histórica do jornalismo desportivo acompanhou os avanços tecnológicos dos meios de comunicação. Com a rádio surgiu a possibilidade de relatar os acontecimentos em direto, aproximando o ouvinte da emoção do jogo. A televisão trouxe toda uma nova dimensão através da imagem e movimento, permitindo que o público acompanhasse os jogos visualmente, reconhecendo atletas, árbitros e treinadores. Com a chegada da internet e, mais recentemente, dos dispositivos móveis e das redes sociais, o jornalismo desportivo passou a ser consumido em tempo real e em múltiplas plataformas, o que alterou profundamente as rotinas de produção e os hábitos de consumo. Este novo panorama multimédia transformou o jornalismo desportivo numa atividade híbrida, em que o som, a imagem e o texto são complementares e se articulam em várias plataformas (Francisco Paulo Carvalho, 2022)

O surgimento de canais temáticos e desportivos foi um marco importante neste percurso. A Sport TV, enquanto canal por subscrição, estabeleceu uma grelha quase exclusivamente dedicada ao desporto, com transmissões em direto, entrevistas e programas de análise. O Canal 11, lançado pela Federação Portuguesa de Futebol,

trouxe uma abordagem mais pedagógica e próxima da formação e da diversidade esportiva. O Canal 11 “procura democratizar o acesso ao desporto, promovendo uma cobertura inclusiva que valoriza o futebol de formação, o futsal e o futebol feminino, enquanto os canais oficiais dos grandes clubes aproximam os adeptos, produzindo conteúdos exclusivos e reforçando a identidade clubística” (Federação Portuguesa de Futebol, 2023). Paralelamente, os principais clubes portugueses desenvolveram os seus próprios meios, como a FC Porto TV (Porto Canal), a Benfica TV e a Sporting TV, que funcionam como espaços híbridos entre comunicação institucional e produção de conteúdos jornalísticos. Estes canais alteram a relação entre os clubes, os jornalistas e os adeptos, permitindo que as entidades desportivas comuniquem diretamente com o público.

Ao longo das últimas décadas, assistiu-se também à profissionalização crescente do setor. A figura do jornalismo desportivo passou a englobar diversas funções específicas, como repórter de campo, editor de desporto, comentador residente ou analista tático. A segmentação de funções reflete não só no aumento da complexidade das redações, como também nas exigências do público que procura conteúdos mais especializados e técnicos.

Com a massificação da internet, surgiram novas formas de jornalismo desportivo. As redes sociais tornaram-se ferramentas indispensáveis para o trabalho diário dos jornalistas, permitindo divulgar informações de forma imediata, interagir com os leitores e acompanhar o discurso dos clubes e atletas. Plataformas como o YouTube, o TikTok e o X (ex-Twitter) deram origem a novos formatos, como vlogs, resumos visuais e programas independentes. Enquanto os podcasts oferecem espaço para conversas mais profundas e desconstruídas sobre o universo desportivo, também os serviços de streaming começam a produzir conteúdos jornalísticos e documentais sobre desporto, revelando a expansão da área para além dos meios tradicionais.

Este percurso mostra que o jornalismo desportivo não apenas acompanhou a evolução dos media, como também desempenhou um papel central na transformação das práticas jornalísticas. A capacidade de adaptação ao contexto tecnológico, às exigências do público e à dinâmica do próprio desporto transformou esta vertente num dos pilares do jornalismo contemporâneo.

### **1.3 A especificidade Portuguesa do Jornalismo Desportivo**

O jornalismo desportivo em Portugal tem uma trajetória longa e consolidada, que acompanha o desenvolvimento do próprio desporto como um fenómeno social e cultural de massas, desde os primeiros relatos em jornais generalistas até à multiplicação de canais temáticos e plataformas digitais. Esta área tem assumido um papel de destaque no panorama mediático nacional. (Silva, 2018)

A presença do desporto na imprensa portuguesa começou no início do século XX, através das colunas ocasionais sobre resultados e atividades desportivas, inicialmente associadas a clubes recreativos e à elite urbana. Com a crescente popularidade do futebol, especialmente a partir da década de 1930, o desporto ganhou espaço regular nas páginas de jornais. A Fundação de Publicações Especializadas, como a Bola, em 1945, Record de 1949, o Jogo, em 1985, marcou um ponto de viragem, consolidando o jornalismo desportivo como um setor autónomo, com profissionais especializados, linguagem própria e públicos fidelizados.

Cada um destes jornais desenvolveu um estilo distinto, adaptado ao seu público. A Bola, historicamente associada ao Benfica, destacou-se pela crónica emocional e pela valorização da narrativa. Record adotou uma abordagem mais objetiva e estática, enquanto o Jogo, com origem no Porto, procurou dar maior destaque aos clubes do Norte.

Apesar destas tendências, todos os jornais procuram afirmar-se como referência nacional, adaptando-se progressivamente aos novos formatos digitais e mantendo a sua relevância na cobertura desportiva.

A rádio também teve um papel importante na expansão do jornalismo desportivo, com os relatos em direto aproximando o público dos acontecimentos, sobretudo numa época em que a televisão ainda não estava generalizada. Os relatos radiofónicos criaram uma linguagem própria, ritmada e entusiasta, que permanece até hoje como uma marca identitária da cobertura desportiva em Portugal. (Carvalho, 2022, p. 78).

Com a chegada da televisão, o desporto ganhou visibilidade e centralidade na informação televisiva. Os blocos de desporto nos telejornais tornaram-se parte da rotina informativa, enquanto programas especializados, debates e transmissões em direto passaram a ocupar espaços fixos nas grelhas da programação. Os comentadores

desportivos tornaram-se figuras públicas, reconhecidas pelas suas análises, opiniões e estilo comunicativo. A Sport TV, criada em 1998 como canal por subscrição, inaugurou uma nova era de cobertura contínua e profissionalizada, oferecendo transmissões exclusivas de jogos nacionais e internacionais, bem como programas de análise e comentário.

Mais recentemente, o lançamento do Canal 11 pela Federação Portuguesa de Futebol reforçou o papel institucional do desporto nos media. Este canal temático aposta numa abordagem pedagógica inclusiva e abrangente, com destaque para as seleções nacionais, o futebol de formação, o futsal e o futebol feminino. Paralelamente, os clubes desenvolveram os seus próprios meios de comunicação: FC Porto TV, Benfica TV e Sporting TV são canais oficiais que produzem conteúdos próprios, divulgam treinos, entrevistas e bastidores, e reforçam a ligação entre os clubes e os adeptos.

A variedade de programas disponíveis reflete a diversidade de estilos, linguagens e públicos que o jornalismo desportivo procura alcançar. Programas como Mais Futebol, TVI24/CNN e Prolongamento, TVI, oferecem espaço de debate, análise e confronto de opiniões sobre a jornada futebolística. O programa Liga D'ouro transmitido pela CMTV apresenta um painel fixo de comentadores e ex-jogadores com uma abordagem direta, popular e centrada na atualidade desportiva, especialmente no futebol nacional. No Porto Canal, programas como Pré-match e Pós-match, combinam informação, opinião e identidade clubística. Já o Sagrado Balneário no Canal 11, conduzido por Cândido Costa, destaca-se pelo tom informal, narrativo e emocional. Este formato privilegia conversas com ex-jogadores e figuras do futebol português num registo intimista e descontraído. Aproximando o público de histórias de bastidores e das vivências pessoais dos protagonistas do futebol português. Este tipo de conteúdo representa uma nova tendência na forma de comunicar desporto, onde o entretenimento e a autenticidade ganham espaço, ao lado da análise factual e tradicional.

Nos últimos anos, o jornalismo desportivo português expandiu-se para plataformas digitais, podcasts como A Culpa é do Cavani ou Matraquilhos, canais de YouTube dedicados a análises táticas e perfis de jogadores e até conteúdos do TikTok, criados por jornalistas e influenciadores desportivos, mostram que o desporto está presente em múltiplos formatos e linguagens. Esta diversificação responde a um público mais jovem e digital, que procura conteúdos rápidos, personalizados e interativos.

O jornalismo desportivo em Portugal continua assim a reinventar-se e adaptar-se às exigências tecnológicas e culturais do seu tempo. Esta tradição da imprensa escrita, o poder da televisão e inovação digital, esta área mantém-se como uma das mais dinâmicas e relevantes no ecossistema mediático nacional.

## **Capítulo 2 – Género, Comunicação e Representação nos Media**

### **2.1 - Representações de Género nos Meios de Comunicação**

A presença de homens e mulheres nos media tem sido, historicamente, assimétrica tanto no que diz respeito à quantidade como ao tipo de funções que desempenham. Em diversos contextos profissionais da comunicação, é possível observar uma menor visibilidade feminina em cargos de destaque, em áreas de maior especialização técnica ou em espaços tradicionalmente associados a temáticas como política, economia, ou desporto.

No caso específico do jornalismo, essa diferença manifesta-se não só na estrutura interna das redações, mas também nos próprios conteúdos produzidos. As mulheres são, por vezes, destacadas para funções de apresentação, entrevistas de entretenimento e lifestyle, enquanto os homens ocupam com maior frequência posições de análise, opinião ou reportagem em áreas consideradas de maior exigência.

Apesar dos avanços nas últimas décadas, a igualdade de género nos media portugueses está longe de ser plena. Segundo o relatório do Sindicato dos Jornalistas, em 2020, quase metade dos jornalistas portadores de carteira profissional eram mulheres (48,2%). Contudo, apesar dessa presença crescente, persistem disparidades significativas: as mulheres ganham em média menos 80€ líquidos por mês que os jornalistas masculinos e ocupam apenas 37% dos cargos de chefia.

A representação feminina varia também conforme o meio. Na rádio, as mulheres constituem cerca de 84% dos repórteres, mas a sua presença como apresentadoras reduz apenas para 27%. Embora em meios digitais as mulheres escrevam maioritariamente, nos jornais impressos essa percentagem ronda os 37% comparada com 18% dos homens..

Em conclusão, os dados mostram que apesar da presença crescente das mulheres nos media portugueses, existem barreiras estruturais como a desigualdade salarial, sub-representação em cargos de liderança e um percurso profissional marcado por distribuição de tarefas segundo estereótipos, que limitam a igualdade de oportunidades real neste setor.

## **2.2. Teorias feministas aplicadas à comunicação**

As teorias feministas, ao longo do tempo contribuíram para a compreensão das desigualdades entre homens e mulheres em vários setores da sociedade, incluindo o da comunicação. Quando aplicadas neste campo, estas abordagens permitem compreender como é que as desigualdades estão presentes nas redações, os conteúdos produzidos e até nas oportunidades profissionais dentro dos media.

Uma das correntes mais relevantes neste contexto é o feminismo liberal, que defende a igualdade de direitos e de oportunidades entre homens e mulheres, especialmente no acesso ao mercado de trabalho, à educação e à representação pública. Esta perspetiva aplica-se de forma direta ao setor da comunicação ao questionar por exemplo a sub-representação feminina em cargos de chefia, a diferença salarial entre géneros e a divisão desigual de tarefas dentro das redações. O feminismo liberal assume que através de reformas institucionais e da criação de condições equitativas é possível corrigir as desigualdades existentes.

Existem outras correntes teóricas que acrescentam novos elementos à análise. O feminismo radical por exemplo destaca o papel das estruturas sociais na reprodução da desigualdade, chamando a atenção para padrões culturais, simbólicos e institucionais que favorecem a masculinização de determinados espaços, como é o caso das áreas consideradas tradicionalmente “masculinas” dentro do jornalismo. Já o feminismo marxista ou socialista relaciona as desigualdades de género com a organização económica da sociedade, analisando a forma como o trabalho das mulheres é muitas vezes desvalorizado ou invisível, inclusive no contexto mediático (Manuela Tavares, 2014).

Mais recentemente o feminismo pós-estruturalista trouxe a noção de que o género não é uma característica fixa mas sim uma construção social e discursiva. Esta abordagem propõe que o que é entendido por “feminino” ou “masculino” resulta de normas culturais que se reproduzem, entre outros canais, através de linguagem e da imagem mediática. No campo da comunicação, esta perspetiva é útil para analisar a forma como as mulheres são representadas, quais os papéis que lhes são atribuídos e como certos comportamentos são naturalizados ou questionados nos media.

Há ainda vertente interseccional, que considera que a desigualdade de género não pode ser analisada de forma isolada, pois cruza-se com outras dimensões como classe social,

etnia ou orientação sexual. Esta abordagem é relevante em contextos onde se procura compreender a diversidade de experiências femininas no setor dos media embora não seja o foco principal deste trabalho.

Em comum, todas estas correntes reconhecem a importância de promover ambientes profissionais mais justos, onde a igualdade de oportunidades não dependa do género. No setor dos media, isso passa por garantir que homens e mulheres têm o mesmo acesso às funções, ao reconhecimento, à progressão de carreira e à representação pública.

### **2.3 Desigualdade Estrutural nas Redações e na Produção de Conteúdos**

A igualdade de género nas redações não depende apenas da presença de homens e mulheres em proporções equilibradas, mas também da forma como as estruturas internas das culturas profissionais influenciam o acesso a funções, responsabilidades e oportunidades de progressão. Mesmo em ambientes onde os números parecem equilibrados, podem persistir desigualdades subtis, tanto ao nível da organização do trabalho como das dinâmicas simbólicas que regulam o funcionamento das equipas.

A chamada desigualdade estrutural diz respeito à forma como as redações estão organizadas, incluindo a divisão de tarefas, os critérios de seleção para cargos de liderança e os processos informais de promoção. Em muitos contextos, verifica-se que determinadas secções, como a política, economia, justiça ou desporto continuam a ser maioritariamente, ocupadas por jornalistas do sexo masculino, enquanto outras, como cultura, sociedade ou lifestyle, são mais frequentemente atribuídas às mulheres.

Esta segmentação não é necessariamente importante, mas reflete padrões institucionais e expectativas culturais que se reproduzem ao longo do tempo.

Além disso a progressão na carreira nem sempre é transparente ou baseada exclusivamente em mérito. Muitas vezes, o acesso a cargos de chefia depende de redes de contacto informais, da disponibilidade para horários flexíveis e da participação em ambientes que continuam a favorecer mais homens. A falta de medidas claras de conciliação entre vida profissional e vida pessoal pode por exemplo afetar de forma desproporcionada as mulheres, dificultando o seu percurso para funções de maior responsabilidade.

Para além da dimensão organizacional, existe também uma dimensão simbólica, menos visível mas igualmente relevante. Esta refere-se à forma como as pessoas são percebidas e tratadas dentro das redações: a autoridade, a credibilidade e a competência são por

vezes associadas inconscientemente ao género masculino, enquanto as mulheres podem ser sujeitas a escrutínio adicional, sobretudo quando ocupam funções tradicionalmente masculinas. Esta desigualdade simbólica pode manifestar-se em situações como a necessidade de provar competência com mais frequência, a valorização diferente das opiniões ou a exclusão de espaços informais de decisão.

Por outro lado, a ausência de modelos femininos em posições de topo contribui para a perpetuação destas assimetrias. Quando as mulheres não se veem representadas em cargo de chefia ou em áreas especializadas, a mensagem implícita é de que esses espaços não lhes estão naturalmente reservados. Isto afeta não só a motivação, como também as expectativas de carreira de futuras profissionais na comunicação.

Apesar de existirem iniciativas institucionais e diretrizes legais para promover a igualdade de género no setor da comunicação, a sua aplicação prática continua a ser desigual. A transformação efetiva das redações implica não apenas a correção estatística da presença feminina, mas também uma revisão crítica dos processos internos, das culturas profissionais e das formas simbólicas de exclusão que persistem no quotidiano das equipas jornalísticas.

#### **2.4 Barreiras Invisíveis: Glass Ceiling, Estereótipos de Género e Sexismo no Jornalismo Desportivo**

O jornalismo desportivo como muitos outros campos tradicionalmente dominados por homens, continua a apresentar barreiras invisíveis que dificultam o acesso e a progressão das mulheres. Estas barreiras manifestam-se através do chamado *Glass Ceiling*, dos estereótipos de género, da objetificação e da divisão sexual do trabalho, elementos que em conjunto, limitam a presença e o reconhecimento das profissionais no setor.

O termo Glass ceiling (teto de vidro), amplamente discutido nos estudos de género e sociologia organizacional, descreve barreiras invisíveis sistemáticas que impedem a progressão das mulheres a cargos de liderança, apesar da sua qualificação. No contexto jornalístico português, estudos recentes confirmam que embora haja mais mulheres nas redações, continua a haver desigualdade no acesso a posições de topo.

Tal como definido pelo *Wall Street Journal* (1995), trata-se de “An unseen, yet unbreachable barrier that keeps minorities and women from rising to the upper rungs of the corporate ladder, regardless of their qualifications or achievements.” (Mapping

Ignorance, 2022).

A presença de estereótipos de gênero é outro fator que contribui para a manutenção destas desigualdades. Muitas jornalistas são ainda associadas a um tipo de cobertura mais leve, como entrevistas de bastidores, lifestyle dos jogadores ou peças de reportagem mais humanas ou emocionais, enquanto os homens são maioritariamente responsáveis pelas análises táticas e relatos ao vivo. Esta divisão simbólica do trabalho perpetua a ideia de que o conhecimento desportivo profundo é uma competência predominante masculina, desvalorizando a especialização das mulheres.

O estudo de Beatriz Monteiro Gomes Bernardes Ferreira (2019) revela que, durante o Mundial de 2018, só 22 % das notícias desportivas e 15 % das crónicas foram assinadas por mulheres, enquanto os homens dominaram 66 % das análises.

Outro aspeto a considerar é o sexismo institucional, que se reflete em práticas normalizadas nas redações, como a atribuição desigual de tarefas, comentários sexistas “naturalizados” ou ausência de mecanismos formais para denúncias de discriminação. Estes padrões contribuem para uma cultura organizacional que exclui, onde as mulheres têm de provar constantemente o seu valor e enfrentar um ambiente de trabalho que nem sempre reconhece as suas competências de forma equitativa.

Por fim a chamada “gendered division of labour” no jornalismo desportivo evidencia-se na forma como as mulheres são muitas vezes canalizadas para papéis de produção, assessoria ou segmentos alternativos, como futebol feminino, menos mediático, enquanto os homens dominam os grandes palcos e transmissões, esta separação invisível entre funções “femininas” e “masculinas” dentro da mesma profissão contribui para a persistência de um sistema desigual, mesmo quando existe um aumento da presença feminina nas redações.

## **Capítulo 3: Mulheres no Jornalismo Desportivo: Desafios e Avanços**

### **3.1 Trajetória histórica das mulheres nos media desportivos**

A presença das mulheres no jornalismo português em geral, foi historicamente tardia refletindo as dinâmicas sociais e culturais do século XX. Durante décadas, as redações eram espaços quase exclusivos a homens, não apenas pela dificuldade de acesso, mas também por uma cultura institucional que associava o jornalismo à autoridade, objetividade e domínio público, características tradicionalmente atribuídas ao homem. Esta exclusão era ainda mais acentuada no jornalismo desportivo, onde a ligação entre masculinidade, desporto e prestígio profissional se encontrava fortemente enraizada.

É apenas a partir da década de 1950 que se começa a registar a presença de mulheres neste setor, ainda que de forma pontual. Um dos primeiros nomes a ultrapassar esta barreira foi o de Maria João Duarte, que se destacou como cronista no jornal Mundo Desportivo, em 1956. A sua escrita era admirada mas a sua “condição”, ser mulher, causava desconforto e surpresa entre colegas e leitores, revelando como a entrada feminina no espaço desportivo mediático era vista como uma exceção e não uma possibilidade real.

Durante os anos 60 surgem outras figuras femininas marcantes como Leonor Pinhão, que viria a integrar a equipa A bola, um dos jornais desportivos mais influentes do país. A sua entrada numa redação desportiva foi um ato de resistência implícita a uma estrutura profundamente masculinizada, na qual era necessário demonstrar constantemente mais competência, dedicação e resistência do que os colegas do sexo masculino. A própria jornalista afirmou anos mais tarde que “se há mulheres nas redações desportivas é porque são competentes no que fazem – caso contrário não estariam lá” (Leonor Pinhão, 2023) reconhecendo a exigência adicional colocada sobre as profissionais do género feminino neste meio.

Também na televisão e na cobertura internacional as mulheres começaram a dar passos importantes. Em 1968, Edite Castro Soeiro tornou-se a primeira mulher portuguesa a cobrir os jogos olímpicos, enquanto enviada especial para os jogos do México. O seu trabalho marcou uma rutura simbólica e prática num espaço ainda muito masculinizado. Como recorda numa entrevista, “três dias depois de o meu filho nascer já estava a trabalhar” (Ventura, 2012, p. 147) , demonstrando o misto de responsabilidade e resiliência necessárias naquela época. Este marco não foi apenas simbólico, representou

o início da legitimação do olhar feminino sobre o desporto enquanto fenómeno jornalístico.

A partir dos anos 80 e 90, com o alargamento do acesso universitário e o crescimento da profissão de jornalista, a entrada das mulheres no setor tornou-se mais frequente. Profissionais como Natália Oliveira (primeira jornalista de desporto da RTP e a primeira pivô feminina de programas de desporto da televisão portuguesa), Cecília Carmo e Edite Esteves passaram a integrar redações, fazer reportagens de campo e apresentar blocos de informação desportiva. No entanto estas presenças continuavam a ser minoritárias, e muitas vezes restringidas a áreas de apresentação ou reportagem mais “neutra” sendo rara em funções de comentário técnico ou análise tática, espaços que ainda são associados à figura masculina.

No século XXI, com o surgimento de novos canais (como a Sport TV, o Canal 11 ou os canais de clubes), registou-se uma expansão da cobertura desportiva e com ela novas oportunidades. Ainda assim a integração das mulheres nos media desportivos continuou a enfrentar obstáculos. A visibilidade feminina cresceu, mas foi acompanhada de uma vigilância sobre a aparência física, tom de voz, vestuário e postura, aspetos que raramente são questionados quando falamos do homem no mesmo contexto. Este tipo de julgamento tem efeitos na percepção pública e no reconhecimento profissional, e continua a ser apontado por muitas jornalistas como um dos principais fatores de pressão.

A partir dos anos 2000, outras profissionais começaram a destacar-se no jornalismo desportivo nacional, foram conquistando visibilidade sobretudo através da televisão mas também das plataformas digitais. Cláudia Lopes, por exemplo, tornou-se uma das caras mais conhecidas da informação desportiva na televisão, depois de iniciar o seu percurso na RTP em 1995, especializou-se em desporto desde 1998. Em 2009 tornou-se apresentadora do programa Mais Futebol na TVI24 (agora CNN), que foi várias vezes distinguido como melhor programa desportivo, atualmente integra a equipa da Sport TV, continua a moderar debates e a conduzir análises táticas. Como referiu numa entrevista à Máxima, “eles ganham sempre mais do que eu” (Cláudia Lopes, 2023), ao recordar a disparidade salarial face aos colegas homens que desempenhavam funções iguais ou muito semelhantes.

Outros exemplos recentes demonstram que o espaço das mulheres se tem alargado ainda que de forma desigual. Sara Freitas, é outro exemplo. Depois de ter entrado no

jornalismo desportivo pelo Porto Canal, mais tarde consolidou-se uma das vozes mais promissoras do Canal 11. Reconhecida pela sua paixão genuína pelo futebol, Sara combina reportagens em campo com a apresentação e participação em *talk-shows* como Amor à Camisola, prova de que a mulher desportiva consegue assumir papéis complexos que vão além da mera presença diante das câmaras.

Rita Latas também é um dos grandes nomes atuais do jornalismo desportivo, foi a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga em Portugal, um momento que quebrou barreiras históricas colocando-a num papel que até então estava reservado aos homens. Reconhecida como jornalista de excelência, Rita foi ainda reconhecida como Jornalista Revelação 2020, pela Associação dos Jornalistas de Desporto.

Com a proliferação de novos formatos, como canais temáticos, plataformas de streaming e conteúdos digitais, surgiram oportunidades para uma nova geração de mulheres jornalistas ou criadoras de conteúdo, explorarem linguagens mais acessíveis, informais e para vários formatos. Esta nova dinâmica rompeu com os circuitos tradicionais do jornalismo e abriu espaço para vozes femininas que mesmo sem formação académica na área demonstram uma grande paixão e conhecimento por desporto, como é o caso da página *Flying Lap F1* no instagram, que já consta com mais de 73 mil seguidores, página esta criada por duas mulheres apaixonadas pelo desporto, mais concretamente o da Fórmula 1. A página une análises técnicas, atualizações em tempo real e opinião própria, tendo já estabelecido parcerias de criação de conteúdo com a DAZN Portugal. Este tipo de projeto mostra que o envolvimento feminino no jornalismo ou comunicação desportiva está a expandir-se além das redações formais.

Cerimónias como a de 2020, organizada pelo Comité Olímpico de Portugal, que homenageou onze mulheres jornalistas pela sua carreira no jornalismo desportivo marcaram um momento de reconhecimento institucional. No entanto, mais do que uma homenagem pontual este tipo de iniciativa reforça a importância de refletir sobre as desigualdades estruturais ainda existentes. Estes momentos apresentam um olhar reflexivo e retrospectivo sobre o papel das pioneiras, cujo trabalho abriu o caminho para a entrada gradual de novas gerações de mulheres profissionais num espaço historicamente marcado pela masculinização.

Ainda assim, importa reconhecer que o jornalismo desportivo continua a ser uma área onde a presença feminina embora cada vez mais crescente, permanece ainda insuficientemente documentada. A escassez de estudos dedicados à participação das mulheres neste setor revela uma invisibilidade estatística que acompanha a invisibilidade simbólica que durante décadas marcou a experiência das jornalistas desportivas. Esta ausência de registo sistemático impede uma avaliação mais precisa da evolução deste estudo.

Compreender esta trajetória histórica é por isso fundamental para analisar a situação atual e os desafios persistentes no caminho para uma presença feminina mais significativa, estável e também mais valorizada no jornalismo desportivo. As conquistas das últimas décadas mostram avanços importantes mas também evidenciam que o passado continua a ter reflexos no presente.

### **3.2 Perfil das profissionais atualmente ativas**

A presença feminina no jornalismo desportivo português tem vindo a crescer significativamente, tanto em número como em visibilidade. As mulheres que atualmente trabalham nesta área representam uma geração mais qualificada e experiente, muitas com formação académica em jornalismo, ciências da comunicação ou comunicação social, e muitas vezes com o 2<sup>a</sup> ciclo de estudos, numa área mais específica de uma destas três, e percursos construídos com muito esforço e dedicação. No entanto, o acesso à profissão e a afirmação plena no setor continuam a ser processos mais exigentes para as mulheres do que para os seus colegas homens.

Apesar de já ocuparem posições visíveis em canais como a Sport TV, CNN, RTP, SIC ou Canal 11, as jornalistas desportivas enfrentam ainda uma constante necessidade de legitimação. Em declarações recolhidas por vários meios, é comum ouvirem-se relatos de profissionais que sentem que têm de provar o seu lugar todos os dias, por não corresponderem à imagem tradicional do jornalista desportivo masculino.

Muitas mencionam o facto de serem confrontadas com dúvidas sobre os seus conhecimentos ou com comentários que não são feitos aos homens. Ana Camboa, atualmente Jornalista do Porto Canal, explicou numa entrevista que ainda existe uma tendência cultural para questionar o envolvimento das mulheres no desporto, ao contrário do que acontece com os colegas homens, “estou com um colega, estamos os

dois em desporto, mas só a mim é que perguntam porquê e se gosto. A ele, não o confrontam. Acho que é muito cultural” (Portal futebol feminino Portugal, 2019).

A maioria das mulheres continua concentrada em funções como reportagem de campo ou apresentação, enquanto os papéis da análise tática, comentário técnico e direção editorial permanecem maioritariamente reservados aos homens. Esta divisão funcional revela uma segmentação de género profundamente enraizada. O reconhecimento da competência feminina tende a surgir de forma mais lenta e condicional, sendo frequentemente influenciada por fatores externos como a aparência, a empatia ou a popularidade nas redes sociais, critérios que raramente são determinantes no percurso dos colegas homens. Esta desigualdade funcional perpetua uma divisão silenciosa dentro das redações e dos canais desportivos, onde as mulheres já fazem sentir certo peso, mas ainda longe de ocupar posições de ocupar maior poder ou decisão.

Apesar destas limitações o perfil atual das profissionais é marcado por ambição e competência. As mulheres que se mantêm no jornalismo desportivo fazem-no por paixão e por convicção, e desafiam todos os dias uma tradição histórica de exclusão, e conquistam o espaço delas com consistência. São estas as profissionais que tem vindo a abrir caminho para as futuras gerações e a contribuir para um jornalismo mais representativo e justo.

### **3.3 Barreiras encontradas: credibilidade, aparência, funções limitadas**

Mesmo com o aumento da visibilidade e da presença feminina nos media desportivos, continuam a existir formas de discriminação mais subtis e por isso mais difíceis de combater. Estas manifestações, muitas vezes não formalizadas, incluem atitudes desrespeitosas, tratamento diferenciado, interrupções constantes, comentários sobre a aparência ou até desvalorização de perguntas em conferências de imprensa. A estas formas de desigualdade dá-se o nome de micro-desigualdades, pois operam de forma silenciosa, quotidiana e socialmente tolerada.

Estas ocorrências não são necessariamente diretas ou agressivas, mas traduzem uma lógica de desvalorização simbólica que se repete de forma sistemática. A jornalista Andreia Araújo relatou sentir-se observada de forma desconfortável em conferências de imprensa onde era frequentemente a única mulher na sala presente. Sublinhou ainda que apesar da crescente participação feminina continua a ser comum ver painéis de análise

exclusivamente masculinos, mesmo existindo mulheres com igual ou superior competência. Esta ausência contribui para a perpetuação da ideia de que o comentário técnico pertence ao universo masculino exclusivamente.

Outro caso revelador é o da comentadora Sofia Oliveira, conhecida pela sua intervenção de análise na CNN, e pelo seu antigo percurso no Canal 11. Apesar da sua preparação técnica e postura profissional, foi alvo de insultos e ataques nas redes sociais, com comentários sexistas, não pela falta de qualidade na sua análise desportiva, mas por ser uma mulher a ocupar um lugar de comentário técnico no futebol português, lugar esse que deveria tradicionalmente ser ocupado por um homem. Além disto numa conferência de imprensa, José Augusto Faria discursou de Sofia Oliveira e acabou por fazer um comentário de mau agrado “Há pessoas que não andam no futebol, que pensam que andam... As Sofias desta vida têm de aprender muito para andar no futebol, porque o futebol tem de ser dos homens do futebol.”, disse o técnico do Leixões. Este episódio suscitou ampla reação nas redes sociais que se encheram de mensagens solidárias para com a jornalista. É uma situação que ilustra que mesmo quando estão capacitadas para cumprir devidas funções, as mulheres são confrontadas com discursos paternalistas e a necessidade de defender não só a própria opinião como também a legitimidade profissional.

Também Rita Latas, após se tornar a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga Portuguesa, foi confrontada com reações que subestimavam o seu trabalho. Em vez de destacarem a inovação ou a qualidade da narração, muitos comentários online destacavam aspetos como o timbre de voz ou a postura. Estes episódios ilustram como mesmo quando as mulheres quebram barreiras continuam a ser julgadas por critérios que ultrapassam o jornalismo ou profissionalismo, o que reforça a ideia de que a igualdade no setor não se alcança apenas com a ocupação de espaços, mas também com uma transformação cultural da forma como essas presenças são recebidas.

No passado a jornalista passou ainda por um episódio desagradável durante uma *flash interview*, com o treinador do Benfica, na época, Jorge Jesus, que respondia com desdém a uma observação feia por Rita sobre a qualidade de jogo da equipa. Após a jornalista referir que ficava a ideia de que a exibição do Benfica ainda não tinha atingido o seu melhor nível Jorge Jesus respondeu: “*Também é natural porque você não sabe o que é muita qualidade sobre futebol*”. A frase foi bastante criticada pela conotação discriminatória, vista como uma tentativa de descredibilizar a jornalista com

base numa clara alusão ao género feminino. O episódio gerou polémica nas redes sociais e nos media, sendo mais um exemplo da resistência à autoridade profissional das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos.

A Associação de Jornalistas de Desporto (CNID) classificou a resposta de Jorge Jesus como “absolutamente inadequada e indigna” Em comunicado “O CNID repudia da forma mais veemente o comportamento de Jorge Jesus. O respeito que Jorge Jesus pediu ao adversário do campo não o teve ele por alguém que fazia o seu trabalho de forma irrepreensivelmente profissional” (Bancada, 2020).

A associação ainda menciona o facto de Rita ser uma mulher jornalista, que atualmente no século XXI é normal, e ainda terminam por dizer em comunicado “a influência feminina deve ser particularmente bem acolhida pelo mundo do futebol” (Bancada, 2020).

Estas micro-agressões e desigualdades simbólicas, mesmo quando disfarçadas sob a forma de opinião ou “humor”, têm efeitos reais: condicionam a confiança, afetam a saúde emocional e limitam a liberdade plena de exercício profissional. Mais do que casos isolados, são sintomas de uma estrutura comunicativa ainda não plenamente igualitária, onde a mulher precisa de justificar constantemente o seu lugar. Combater esta realidade exige mudanças profundas nas culturas redacionais e no próprio discurso mediático sobre o que é ser jornalista, independentemente do género.

### **3.4 O Papel dos clubes, canais e redações nas práticas de inclusão**

O jornalismo desportivo em Portugal tem sido tradicionalmente um espaço dominado por homens, tanto em termos numéricos como no que diz respeito ao poder e visibilidade dentro das redações e estúdios. No entanto, nos últimos anos, a presença feminina tem vindo a ganhar força, não só pela crescente aposta em políticas de diversidade e inclusão, mas também pela transformação cultural que várias entidades do setor tem promovido.

Os grandes clubes desportivos nacionais, como o FC Porto, o Benfica e o Sporting desempenham um papel fundamental no ecossistema mediático desportivo, não apenas como protagonistas da narrativa desportiva, mas também enquanto produtores de

conteúdos através dos seus canais oficiais. Através da FC Porto TV (Porto Canal), Benfica TV e Sporting TV, estes clubes tem a capacidade de influenciar diretamente a forma como o desporto é comunicado, podendo promover a inclusão e a diversidade de género nas suas equipas de comunicação e produção. Por exemplo: várias destas plataformas têm apostado na integração de profissionais femininas em cargos técnicos e de apresentação, desafiando o modelo tradicionalmente masculino que ainda prevalece na maioria das redações desportivas.

Além disso, canais temáticos como a Sport TV e o Canal 11 (criado pela Federação Portuguesa de Futebol) tem vindo a assumir um papel importante na promoção da diversidade de género. O Canal 11, em particular, destaca-se pelo seu foco pedagógico e inclusivo, com programas que valorizam o futebol feminino e modalidades menos mediáticas, criando um espaço para vozes femininas no jornalismo desportivo e na análise tática. Isso tem contribuído para desmistificar a ideia de que o desporto é um domínio exclusivamente masculino, promovendo uma visão mais plural e representativa da realidade desportiva.

No contexto das redações jornalísticas tradicionais, tanto em meios escritos, rádio ou televisão o caminho para a inclusão tem sido mais lento e desafiante. Ainda que existam cada vez mais jornalistas desportivas a ocupar lugares na linha da frente, elas continuam a enfrentar obstáculos relacionados com estereótipos de género e dificuldades em aceder a posições de liderança editorial ou técnica.

A cultura organizacional das redações, muitas vezes impregnada por dinâmicas e tradições masculinas é um dos principais entraves para a mudança. Como vimos no ponto anterior o sexismo institucional e essas barreiras invisíveis continuam a influenciar a contratação, promoção e valorização das jornalistas. Ainda assim, a visibilidade crescente de figuras femininas no jornalismo como comentadoras, apresentadoras e analistas, tem um efeito catalisador na desconstrução desses preconceitos criando novos referenciais para o público e para as próprias organizações.

Um caso prático de mudança em curso é o aumento da presença feminina em programas desportivos na televisão portuguesa como tem sido observado em canais generalistas (RTP, SIC, TVI), onde a diversidade de género tem vindo a ser mais valorizada nas grelhas, especialmente em programas de debate e análise desportiva. Além da aposta dos clubes, importa realçar que a RTP já foi considerada a segunda televisão europeia com maior paridade de género, apresentando 49% de presença feminina na sua

programação (EXTRA 2023) embora não seja uma análise em específico sobre o jornalismo desportivo.

Um exemplo ilustrativo é o testemunho de Clara Osório, jornalista da RTP, que relata a desconfiança que encontrou em situações dominadas por homens nomeadamente em estúdio:

“Chegar a um sítio em que só há jornalistas homens e sentir o olhar como se perguntassem ‘Porque é que está aqui uma mulher?’ ... Foi preciso conquistar alguns comentadores. Mas eu sempre gostei de mostrar ‘eu estou aqui porque sou competente e estudei para isto’” (Extra, 2023)

A própria jornalista reconhece que, embora no interior da redação se sinta respeitada, ainda enfrenta resistência no exterior, especialmente em ambientes dominados por homens. Esta experiência reflete uma realidade vivida por muitas mulheres profissionais da área, que mesmo competentes e qualificadas, continuam a ter de se afirmar mais do que os seus pares masculinos para conquistar credibilidade.

Além do exemplo de Clara Osório, outras profissionais da RTP confirmam que a presença feminina nos bastidores e em funções técnicas, como operadoras de câmara e assistentes, também começa a ser normalizada, embora com necessidade de mais visibilidade nas edições desportivas. Este progresso gradual refletido nos canais públicos está alinhado com a transformação cultural que diversas redações e instâncias desportivas também procuram implementar.

Um caso pertinente, já mencionado ao longo deste projeto, é o da jornalista Rita Latas, que em dezembro de 2020 se tornou a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga em Portugal. Este feito, além de representar um marco histórico no jornalismo desportivo nacional, constitui um exemplo simbólico da mudança em curso no setor. A sua presença na transmissão televisiva desafiou diretamente os papéis tradicionalmente atribuídos aos homens na narração desportiva, demonstrando que a competência não tem género.

No entanto, esta conquista é mais do que uma vitória individual; é também uma celebração do papel da redação e do canal que lhe deu voz e visibilidade. Ao confiar a narração de um jogo de elevado mediatismo a uma mulher, o canal demonstrou uma abertura concreta à diversidade e uma vontade clara de romper com padrões

historicamente masculinizados. Esta decisão editorial representa um passo significativo em direção à inclusão, traduzindo-se num gesto de confiança institucional com impacto simbólico e prático.

Ainda assim, como já analisado em capítulos anteriores, a presença feminina no jornalismo desportivo continua a ser acompanhada por barreiras invisíveis e resistência cultural. Mesmo após ter feito história, Rita Latas, como tantas outras profissionais, continua a enfrentar olhares de desconfiança e exigências redobradas, num meio onde muitas vezes se espera que as mulheres tenham de provar constantemente que “percebem de futebol”. Como foi o caso polémico entre a Jornalista e o treinador Jorge Jesus. O que faz com que o impacto simbólico da nomeação de Rita Latas para ser a primeira mulher a narrar um jogo da Primeira Liga, ainda mais reforçado depois do comentário misógino do treinador.

Este episódio revela que, embora a inclusão de mulheres em posições de destaque esteja a avançar, ela ainda depende fortemente da visão e da coragem das redações e direções editoriais. Casos como o de Rita Latas provam que quando as instituições comunicativas escolhem valorizar a competência acima do género, contribuem não só para o crescimento individual das profissionais, como também para uma transformação mais profunda e duradoura no panorama do jornalismo desportivo.

### **3.5 Perspetiva Pública sobre as Desigualdades**

Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a perceção pública relativamente à igualdade de género no jornalismo desportivo em Portugal, foi elaborado um inquérito anónimo online, no âmbito do projeto de graduação. O questionário reuniu um total de 85 respostas válidas, recolhidas junto de participantes de diferentes perfis, géneros e faixas etárias. O principal objetivo foi recolher opiniões sobre o papel da mulher no jornalismo desportivo, identificar hábitos de consumo mediático e avaliar o grau de visibilidade atribuídos às jornalistas desportivas.

#### **3.5.1 Visibilidade das mulheres no jornalismo desportivo**

Na questão “Costumas acompanhar jornalismo desportivo em televisão, rádio ou meios digitais?” a maioria dos inquiridos (83,%) respondeu afirmativamente indicando que estão habituados a consumir conteúdos desportivos frequentemente. No entanto quando questionados sobre a memorização de nomes de mulheres jornalistas desportivas, apenas uma parte dos participantes conseguiu identificar algumas profissionais, como

Sofia Oliveira, Sara Freitas, Cláudia Lopes, Sara Guterres, Leonor Pinhão, Maria Pedroso, Mariana Águas e Luísa Nogueira, entre outros nomes mencionados. Este dado revela uma visibilidade ainda limitada das mulheres no panorama mediático-desportivo

### **3.5.2 Perceção de desigualdade e credibilidade.**

A perceção de desigualdade de género no jornalismo desportivo revelou-se bastante clara entre os inquiridos. Quando questionados se, na sua perceção, existem mais homens ou mais mulheres a exercer jornalismo desportivo em Portugal, 95,3% responderam que existem mais homens, enquanto apenas 3,5% indicaram haver igual número e 1,2% considerou que há mais mulheres. O que evidencia uma perceção amplamente partilhada sobre a desproporção de género na profissão.

Em relação à visibilidade de mulheres em posições de destaque como na narração, comentário ou moderação de programas desportivos em direto, as respostas demonstram que há quem reconheça essa presença, mas também uma fatia significativa do público que ou nunca a presenciou ou não tem memória clara dessas participações. Tal pode refletir a escassa regularidade com que estas intervenções femininas acontecem, bem como a falta de mediatismo que muitas vezes as acompanha, dificultando a consolidação da presença feminina como algo natural e recorrente no panorama desportivo nacional.

No que à credibilidade atribuída às mulheres no discurso desportivo televisivo ou radiofónico diz respeito, 76,5% consideram que as mulheres tem tanta credibilidade como os homens, enquanto 23,5% revelaram a perceção de que ainda há uma diferença nesse reconhecimento. Este resultado revela avanços na valorização da competência feminina, mas também aponta para a persistência de preconceitos por parte do público.

### **3.5.3 O jornalismo desportivo como espaço ainda masculinizado**

A perceção pública recolhida através do questionário confirma que o jornalismo desportivo continua a ser amplamente visto como um espaço masculinizado. A maioria das respostas evidencia que ainda existe uma forte associação entre desporto e masculinidade, tanto nas práticas mediáticas como na perceção social.

Entre os motivos apontados estão a falta de abertura e tolerância, a persistência de estereótipos de género, e a escassa representatividade feminina, sobretudo em funções com maior visibilidade ou influência. Alguns inquiridos referem que as mulheres ainda

precisam de provar constantemente a sua competência, enfrentando desconfiança e comentários sexistas, especialmente quando falam sobre futebol.

Outros destacam que, apesar de algumas melhorias, o desporto continua a ser maioritariamente dirigido e comentado por homens muitos dos quais antigos atletas, o que perpetua o domínio masculino. Uma resposta aponta que embora as gerações mais jovens possam estar mais despertas para a igualdade a mudança cultural ainda não se reflete de forma plena em toda a sociedade. Há também quem sublinhe que a televisão ainda promove maioritariamente o desporto masculino, o que contribui para manter a ideia de que este universo não é naturalmente partilhado entre homens e mulheres.

Apesar de uma resposta em desacordo, que considera que esta realidade pode estar a mudar consoante o desporto ou o público-alvo, o sentimento predominante é o de que o jornalismo desportivo em Portugal ainda está longe de ser um espaço verdadeiramente igualitário.

### **3.5.4 Mudanças consideradas importantes para a igualdade de género**

A análise das respostas ao questionário evidencia que apesar de se reconhecerem sinais de mudança, o caminho para a igualdade de género no jornalismo desportivo ainda é percebido como longo e desafiante. Quando questionados sobre que mudanças consideram importantes para promover a igualdade de género neste setor, os inquiridos identificaram várias medidas concretas que podem contribuir para uma transformação mais inclusiva e equilibrada.

A representação de mulheres como comentadoras, narradoras e moderadoras de programas em direto surge como a prioridade mais referida. Esta aposta na visibilidade em posições de destaque é entendida como essencial para combater o preconceito e normalizar a presença feminina em contextos historicamente masculinos. A ausência destas figuras no ecrã alimenta a ideia de que o desporto é comentado e analisado apenas por homens, tornando-se urgente criar oportunidades que contrariem esse padrão.

Outra medida relevante apontada é o combate aos estereótipos de género, especialmente no que diz respeito ao conhecimento das mulheres sobre desporto. A persistência de frases como “ela não percebe de futebol” reflete um preconceito estrutural que não se combate apenas com presença física mas também com valorização da competência técnica das jornalistas.

A necessidade de tolerância zero perante comentários sexistas ou discriminatórios, tanto nos bastidores como em contexto público, também é sublinhada. Esta mudança implica não só alterações culturais, mas também políticas internas claras nos canais e redações, capazes de prevenir, identificar e sancionar comportamentos desrespeitosos ou discriminatórios.

Por fim, vários participantes destacam a importância de ver mais mulheres em cargos de chefia editorial ou coordenação, uma vez que as decisões de quem entra, quem aparece no ecrã e quem é promovido dentro das redações passam muitas vezes por essas lideranças. A ocupação desses cargos por mulheres não só cria modelos inspiradores, como também contribui para uma mudança real na estrutura do jornalismo desportivo.

Estas sugestões, vindas de um público diversificado, confirmam que a igualdade de género não se alcança apenas com a presença simbólica de mulheres nos media, mas sim com mudanças estruturais, culturais e institucionais, sustentadas por uma vontade clara de tornar o espaço desportivo mais justo e representativo.

### **3.6 Porto Canal: Um Caso de Sucesso**

O Porto Canal tem se destacado no panorama do jornalismo desportivo português como um exemplo significativo na promoção da inclusão e valorização da mulher nesta área tradicionalmente dominada por homens. Esta aposta reflete-se na presença crescente de profissionais femininas, quer em posições visíveis diante das câmaras, quer nos bastidores técnicos.

Apesar de os desafios do jornalismo desportivo persistirem, o canal tem aberto portas para que as mulheres possam afirmar-se e construir carreiras sólidas, promovendo uma cultura mais inclusiva e igualitária. O papel do Porto Canal é duplamente relevante: é um canal generalista que integra uma forte componente desportiva, com um estúdio dedicado exclusivamente à produção de conteúdos sobre o Futebol Clube do Porto e as suas diversas modalidades, representa um espaço que incentiva a diversidade de género na comunicação desportiva.

A experiência de estágio curricular realizada no Porto Canal, na área de conteúdos do Futebol Clube do Porto, revelou-se um exemplo concreto e positivo das práticas inclusivas no jornalismo desportivo. Apesar de observar uma maior representação

masculina de topo na redação, a presença de mulheres relevantes, tanto à frente das câmaras como nos bastidores, era expressiva.

Durante o estágio foi possível acompanhar uma mudança de diretor de comunicação, sai a Jornalista Estela Machado, e entra para o seu lugar, Daniela Assunção, isto é um ponto positivo sobre a representação feminina num cargo de topo. Foi também possível acompanhar o trabalho de várias jornalistas desportivas como Alexandra Oliveira, Ana Camboa, Francisca Santos e Carolina Cardoso. Todas com um papel ativo na cobertura jornalística de diferentes modalidades, inclusive o futebol profissional. Também entre estagiários observou-se uma maioria feminina, o que denota uma clara abertura à formação e integração de jovens mulheres nesta área.

Importa sublinhar que ao longo do estágio não se verificaram quaisquer limitações no tipo de tarefas atribuídas com base no género. Foram desempenhadas atividades como a cobertura de antevisões da equipa B, a participação em produções de programa em estúdio, a realização de entrevistas a jogadores e treinadores de todas as modalidades. A igualdade de oportunidades refletiu-se assim não apenas na composição das equipas, mas também na prática diária da redação desportiva.

Inclusivamente no contacto com protagonistas do desporto, nomeadamente, atletas e treinadores, maioritariamente homens, não existiu nada além de respeito e abertura, sem sinais de descrédito associados ao género. Esta experiência prática reforça a perceção de que no Porto Canal, existe uma cultura organizacional que reconhece a competência e valoriza o profissionalismo, independentemente do sexo de quem exerce.

A entrevista realizada com a jornalista Francisca Santos, profissional da redação de conteúdos do FC Porto do Porto Canal e FC Porto TV, permite consolidar a perceção de que este canal constitui um exemplo positivo na valorização da mulher no jornalismo desportivo. Quando questionado sobre a eventual necessidade de afirmação adicional face aos colegas homens, a jornalista afirmou que “sempre foi muito respeitada” e que “na redação do Porto Canal essa diferença não existe”, sublinhando que todas as tarefas são distribuídas e desempenhadas sem qualquer tipo de distinção de género. Esta afirmação reforça a ideia de um ambiente de trabalho inclusivo, onde a competência prevalece em qualquer fator identitário.

De forma semelhante a jornalista, Carolina Cardoso, também profissional do Porto Canal da área de conteúdos do FC Porto, refere nunca ter sentido necessidade de se

afirmar perante os colegas homens. para ser respeitada, embora tenha sentido a necessidade de mostrar as suas valências sobretudo por ser mais nova do que propriamente por ser mulher.

Dentro da redação, não percebe qualquer diferença de tratamento relacionada com o género, destacando que eventuais comentários depreciativos surgem mais fora do meio profissional do que entre colegas, “se calhar, mais depressa as pessoas de fora têm tendência a dizer ‘olha, é mulher, não percebe nada’ do que os meus colegas. Nunca senti isso com colegas de profissão.”.

Além disso, Francisca Santos referiu que a atual composição da equipa de jornalistas desportivos do canal é paritária, “somos 8 jornalistas, 4 mulheres e 4 homens”, o que demonstra não apenas uma abertura à participação feminina mas também um esforço concreto na construção de equipas equilibradas e representativas. Esta prática ganha relevância quando comparada com a realidade nacional, onde a presença feminina nas redações desportivas ainda é, maioritariamente, minoritária e concentrada em funções de apresentação.

Carolina Cardoso reforça esta perceção positiva ao afirmar que o Porto Canal é um dos locais de trabalho onde observa maior equilíbrio entre géneros, não como resultado de uma política propositada, mas pela valorização da qualidade profissional. Destaca que apesar dos homens continuarem em maioria na profissão no geral, no Porto Canal as mulheres ocupam papéis de grande importância, como o de diretora geral, que tem sido assumido por mulheres nos últimos anos e ainda destaca “somos tantas mulheres como homens, pelo menos a nível de jornalistas. Mas se fossem mais homens, não acho que haveria problema. O problema surge quando se olha primeiro para o género e só depois para as competências.”

No que diz respeito à perceção pública sobre jornalistas mulheres, Francisca reconhece que ainda existem estereótipos enraizados, como o pressuposto de que “elas não percebem de futebol”, embora tenha referido que, pessoalmente, nunca sofreu comentários fora do contexto da redação. Este dado é importante, pois revela duas dimensões distintas: por um lado, um ambiente interno protetor e respeitador, por outro uma sociedade que ainda conserva preconceitos subtis, mesmo que nem sempre manifestados de forma direta.

De forma alinhada, Carolina considera que embora nunca tenha experienciado preconceito entre profissionais, no público ainda persiste a tendência para questionar a competência das mulheres no desporto, especialmente quando discordam das suas opiniões. Contudo, realça que esta discriminação tende a diminuir à medida que mais mulheres comoetentes se afirmam no jornalismo desportivo.

Por fim, a jornalista Francisca Santos admite que, apesar dos avanços, o caminho para uma verdadeira igualdade ainda não está concluído. Segundo as suas palavras, “estamos a caminhar para algo mais igualitário, mas sim, ainda há um longo caminho a percorrer”. Este testemunho, alinhado com a experiência, observada em estágio, confirma que o Porto Canal se posiciona como um espaço de práticas progressistas, ainda que inserido num setor onde a cultura de género continua a exigir transformação.

Carolina acaba por partilhar da opinião da colega, de que o caminho para a igualdade no jornalismo desportivo ainda é longo, apesar de reconhecer que o Porto Canal como um excelente exemplo. Sublinha que a igualdade não se deve centrar apenas na paridade numérica, mas sim na avaliação baseada nas competências, sem discriminação de género. Destaca ainda a importância de normalizar o papel das mulheres não só no jornalismo, mas também em cargos desportivos, árbitras e na valorização do futebol feminino que tem contribuído para a mudança cultural necessária, “quanto mais os desportos femininos crescerem, mais o papel das mulheres nas profissões que envolvem desporto, como o jornalismo, será normalizado.”

Deste modo, o caso do Porto Canal, embora não isento dos desafios que marcam o panorama nacional, representa um contributo real para a promoção da igualdade no jornalismo desportivo. As suas políticas internas, a distribuição equitativa de funções e a representação visível de mulheres em posições de responsabilidade apontam para uma mudança concreta e efetiva. A integração do testemunho direto das duas jornalistas em funções reforça a credibilidade deste exemplo e sublinha a importância de estudar experiências práticas no terreno como forma de compreender as dinâmicas de género nos media.

## **Conclusão**

A presente investigação procurou compreender se o jornalismo desportivo em Portugal continua a ser um campo masculinizado ou se já existe uma verdadeira abertura à participação das mulheres. A resposta, sustentada pela análise teórica, empírica e prática realizada ao longo deste trabalho, revela-se complexa, mas clara: apesar dos avanços visíveis, o jornalismo desportivo permanece ainda fortemente marcado por desigualdades de género.

Ao longo do tempo, as mulheres conquistaram espaço em áreas que lhes eram tradicionalmente vedadas. O percurso histórico demonstra a presença crescente de profissionais femininas em contextos de redação. Casos como de Cláudia Lopes, Sofia Oliveira e Rita Latas provam que a competência feminina está presente e a marcar a diferença. No entanto, a sua presença ainda não é suficientemente generalizada para ser considerada estrutural ou plenamente consolidada.

A análise das dinâmicas internas das redações, das representações mediáticas e dos testemunhos recolhidos mostram que persistem barreiras simbólicas e funcionais: as mulheres continuam a ser mais facilmente associadas a funções de apresentação ou reportagem, enfrentando resistência quando ocupam espaços de opinião ou decisão. Adicionalmente fatores como aparência, o tom de voz ou a credibilidade continuam a ser usados para avaliar o seu desempenho de forma distinta da dos colegas homens.

O inquérito realizado ao público reforça essa perceção revelando uma sociedade que reconhece progressos mas que ainda associa o jornalismo desportivo maioritariamente ao universo masculino. A ideia de que as mulheres ainda “têm de provar mais” permanece fortemente enraizada.

Por outro lado, o estudo de caso do Porto Canal, destaca-se como um exemplo positivo de inclusão e equilíbrio, demonstrando que é possível promover equipas diversas, distribuir responsabilidades de forma equitativa e valorizar a competência acima do género.

Em suma, conclui-se que o jornalismo desportivo em Portugal está em transição, já não é um espaço exclusivamente masculino, mas ainda não é verdadeiramente igualitário.

## Referências Bibliográficas

**Borelli, F. (2002).** *O Jornalismo Desportivo enquanto forma híbrida de jornalismo*

**McQuail, D. (2010).** *McQuail's Mass Communication Theory* (6ª ed.). Sage Publications.

**Soares, A. C. da C. (2011).** *Webtelevisão em Portugal: especificidades na produção de notícias para a Web*. Universidade da Beira Interior.  
<http://hdl.handle.net/10400.6/1309>

**Ferreira, P. M. S. (2018).** *O Jornalismo Desportivo em Portugal: O Caso Record* (Relatório de Estágio, Mestrado em Jornalismo). Universidade da Beira Interior.  
[https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7864/1/5545\\_11274.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7864/1/5545_11274.pdf)

**Carvalho, F. P. (2022).** *O Jornalismo desportivo enquanto uma forma híbrida de jornalismo: o caso do zerozero* [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. RUN – Repositório da Universidade Nova de Lisboa.  
<http://hdl.handle.net/10362/135576>

**Canal 11. (2023).** O Sagrado Balneário: Conversas informais sobre futebol. *Canal 11*.  
<https://canal11.pt/sagrado-balneario>

**Diário de Notícias (2023).** Mulheres jornalistas: o longo caminho para a paridade. Diário de Notícias. Disponível em:  
<https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/mulheres-jornalistas-o-longo-caminho-para-a-paridade-15961036.html>

**Sindicato dos Jornalistas (2021).** Mulheres jornalistas trabalham mais horas, mas ganham menos e chefiam menos. Sindicato dos Jornalistas. Disponível em:  
<https://jornalistas.eu/mulheres-jornalistas-trabalham-mais-horas-mas-ganham-e-chefiam-men>

**The Portugal News (2021).** *Women in Portuguese media*. *The Portugal News*. Disponível em:  
<https://www.theportugalnews.com/news/2021-07-15/women-in-portuguese-media/>

**Tavares, M. (2014).** Estudo sobre correntes feministas  
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78430/2/100327.pdf>

**Pinhão, L. (2023).** *Leonor Pinhão: “Se há mulheres nas redações desportivas é porque são competentes no que fazem”*. Máxima. Disponível em:  
<https://www.maxima.pt/actual/detalhe/leonor-pinhao-se-ha-mulheres-nas-redacoes-desportivas-e-porque-sao-competentes-no-que-fazem>

**Lopes, C. (2023).** *“Eles ganharam sempre mais do que eu”*. Máxima.  
<https://www.maxima.pt/actual/detalhe/claudia-lobes-eles-ganharam-sempre-mais-do-que-eu>

**Portal Futebol Feminino Portugal. (2019).** *O desporto no feminino num mercado que já pertenceu apenas aos homens.*  
<https://futebolfemininoportugal.com/o-desporto-no-feminino-num-mercado-que-j-a-pertenceu-apenas-aos-homens/>

**Extra. RTP (2023)**  
[https://www.rtp.pt/noticias/pais/rtp-e-a-segunda-televisao-europeia-com-maior-igualdade-de-genero\\_v1497250](https://www.rtp.pt/noticias/pais/rtp-e-a-segunda-televisao-europeia-com-maior-igualdade-de-genero_v1497250)

**Ferreira, E. (2014).** *What are we talking about when we talk about glass ceilings? Mapping Ignorance:*  
<https://mappingignorance.org/2014/04/11/talking-talk-glass-ceilings/>

**Soldado, D. (2023, 8 de março).** *Ser Mulher na RTP.* RTP Extra.  
<https://media.rtp.pt/extra/pessoas/ser-mulher-na-rtp/>

**Bancada. (2020, 1 de dezembro).** *CNID repudia resposta “absolutamente inadequada e indigna” de Jorge Jesus.* Bancada.  
<https://bancada.pt/artigos/portugal/cnid-repudia-resposta-absolutamente-inadequada-e-indigna-de-jorge-jesus>